

Nombre: Gabriel

Apellido: Pereira de Oliveira

Passport: FY186824

Correo eletrônico: gabrielperoli@gmail.com

Organización/institución: Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro / Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Línea temática: Historia del clima, sus cambios y los desastres socionaturales (terremotos, vulcanismo, sequías e inundaciones)

Título: A maior floresta tropical seca da América e o debate sobre clima na formação do Império do Brasil

E-mail: gabrielperoli@gmail.com

Resumo:

Esta apresentação analisa a importância da questão climática no processo de formação do Estado monárquico brasileiro ao longo do século XIX, especificamente com base na região coberta pelas matas de caatinga. Essa porção de clima semiárido no Brasil abriga a maior floresta tropical seca da América, bem destoante da imagem edênica de exuberância tropical e bem distante também em termos geográficos e políticos do centro do poder monárquico do Brasil. A análise aqui enfocará de modo prioritário o período entre os anos de 1844 e 1859. O primeiro ano refere-se ao início de uma seca extremamente severa que ocorreu em parte do norte do Brasil. Esse fenômeno do clima, aliás, era parte da experiência de El Niño, bastante intensa naqueles anos e que afetou diversas partes do planeta. Além dessa circulação de fenômenos climáticos, no entanto, ocorreu também uma circulação de saberes sobre o clima, envolvendo desde a teoria da dessecação a maneiras de lidar com desastres. Nesse sentido, a apresentação engloba as discussões que ocorreram até o ano de 1859, quando o governo imperial brasileiro enviou uma comissão científica em direção àqueles sertões isolados. Ao longo do século XIX, sobretudo em momentos de secas, a questão climática foi central à construção das relações de várias províncias do Império entre si e com a Corte, no Rio de Janeiro. Esse debate envolveu disputas intensas, com base muitas vezes em preceitos científicos, sobre quais seriam os territórios da seca e mesmo se essa intempérie constituía ou não um desastre merecedor de socorros públicos. Além disso, também estiveram em questão a própria compreensão em torno das dinâmicas do clima e das formas de reagir a eventos climáticos extremos. Naquele momento, assim como hoje, as concepções do clima se faziam intimamente articuladas a posições políticas. Este estudo se fundamenta na pesquisa em documentos do poder estatal, anais da Câmara dos Deputados do Império, Senado do Império do Brasil, diversas assembleias provinciais, estudos científicos, periódicos e relatos de viajantes. Com base, então, em parâmetros dos campos da história ambiental, história política e história das ciências, analisar o Brasil Império a partir de disputas relativas ao clima permite lançar novos olhares à sociedade oitocentista, mirá-la sob o prisma a envolver o conjunto de natureza, ciência e poder.

Fosse em relação à identidade nacional ou à produção agrícola, fosse quanto a intempéries ou a debates científicos sobre as dinâmicas atmosféricas, o clima foi um tema que esteve na ordem do dia no Brasil ao longo do século XIX. Naquele processo de construção do Estado imperial brasileiro, muito além de interesses puramente políticos, culturais ou econômicos, as várias gentes precisaram muitas vezes olhar para os céus e se posicionar nos jogos de poder em função da quantidade de chuvas.